

O ESPAÇO PÚBLICO COMO INSTRUMENTO DE MODIFICAÇÃO DAS CIDADES

Karine Anita Galdames GALVAO¹
Flavia Mariane Rodrigues de OLIVEIRA¹
Beatriz Vila Nova Wagner da COSTA²
Déborah Neves Galvão MAIA²
Maria Helena Calazans LUZ²
Bruno Manea SOBRINHO²

RESUMO

Dentro do contexto urbano, as cidades do século XXI vem enfrentando problemas em seus planejamentos urbanos que por vez, estão estritamente ligadas as políticas públicas de governos, nos quais, negligenciam os espaços públicos de convívio social relacionados a qualidade de vida e desenvolvimento cultural. Dentro desta perspectiva, fez se necessário um levantamento bibliográfico a fim de expor uma breve evolução e definição do conceito “espaço público” e suas perspectivas em países diferentes, como também contrapor pontos dentro destes no quesito desenvolvimento e qualidade de vida aliado a estratégias e tomadas de decisões para tais feitos. Nota-se que a qualidade dos espaços públicos é um gerador de pontos positivos e negativos no qual pode aumentar e diminuir tanto a criminalidade local quanto a qualidade de vida, e também gerar impactos positivos e negativos na economia.

Palavras Chave: Planejamento Urbano, Intervenções Urbanas, Centralidades, Qualidade de Vida.

ABSTRACT

Within the urban context, 21st century cities have been facing problems in their urban planning, which in turn, are strictly linked to government public policies, in which they neglect public spaces for social interaction related to quality of life and cultural development. Within this perspective, it was necessary to carry out a bibliographic survey in order to present a brief evolution and definition of the concept of "public space" and its perspectives in different countries, as well as to contrast points within these in terms of development and quality of life combined with strategies and of decisions to do so. It is noted that the quality of public spaces is a generator of positive and negative points in which it can increase and decrease both local crime and quality of life, and also generate positive and negative impacts on the economy.

Keywords: Urban Planning, Urban Interventions, Centralities, Quality of Life.

¹Faculdade de Ciências Sociais e Agrárias de Itapeva – FAIT – ITAPEVA/SP – BRASIL

²Departamento, Instituto ou Faculdade, Universidade - SIGLA - CIDADE/ESTADO – PAÍS

Introdução

Dentro desta pesquisa o tema “Espaço Público” será abordado através do esclarecimento do seu conceito, de sua formação e desenvolvimento histórico, com exemplares de tipologias, junto de uma análise destes ambientes nas cidades atuais.

O espaço sem barreiras que a sociedade contem na cidade é nomeado espaço público. Ao observarmos as diversas tipologias de construções na malha urbana, como habitações, comércios, indústrias, entre outros, notamos que o local no qual todas as pessoas deveriam ter acesso e palco de atividades diversas, vem sendo negligenciado, problemática esta, fruto do descaso por parte do poder público em políticas públicas de planejamento urbano, crescente em meados do século XX e progredido ao século XXI, intimamente ligado ao crescimento populacional rápido originado da migração da população do campo para as cidades, problemas recorrentes em países emergentes.

O descaso nos espaços públicos gera má qualidade de vida, inconsistência no convívio social e a troca de relações e cultura se perde, tornando estes espaços públicos pontos ociosos e hostis. Um ponto chave dentro do planejamento urbano para inversão de hostilidade dentro das cidades é requalificar e construir novos espaços públicos, mais receptivos e acessíveis, visto que as necessidades sociais são multáveis e transformadoras dos próprios meios de convívio.

Desenvolvimento

Espaço é a “capacidade de um terreno ou a extensão que contém a matéria existente”. O termo “público” faz referência aquilo que é conhecido ou que pertence a uma sociedade ou povo (CONCEITO.DE, 2013). Portanto, o termo “espaço público” consiste naquele espaço em que todos os habitantes da cidade podem usufruir, desde às ruas, às praças ou parques. Um local onde ocorre a prática social

e os encontros (ALEX, 2008). Como cita Alex (ALEX, 2008, p. 19), “a palavra ‘público’ indica que os locais que concretizam esse espaço são abertos e acessíveis, sem exceção, a todas as pessoas”.

Estes espaços têm responsabilidades pelas funções materiais e simbólicas que são exercidas, sendo, respectivamente, a função de dar suporte físico às atividades e de ser conexão entre os usuários do local. A responsabilidade da qualidade e da gestão desses espaços é da administração pública, e o papel do governo é de “garantir a acessibilidade do espaço público a todos os cidadãos, sem distinções de qualquer tipo. Um espaço público, por sua vez, não pode estar barrado/fechado a nenhuma classe social ou etnia que seja” (CONCEITO.DE, 2013).

Os espaços públicos são classificados e assumem tipologias diferenciadas. Em maior quantidade nas cidades há as ruas e as praças, sendo estes os espaços de circulação; as praças junto dos parques urbanos se enquadram dentro dos espaços de lazer; ainda há os espaços destinados à contemplação, como os jardins públicos, ou de preservação ambiental e reservas ecológicas (ALEX, 2008).

O espaço urbano público teve uma possível origem com a polis grega, seguida por uma nova configuração de praça romana e um caráter de manifestação na Idade Média. A partir do final do século XVIII a burguesia necessitava de um local para demonstrações de poder e assim surgiram os passeios, tanto na Europa como no Brasil. Assim, os primeiros espaços públicos foram as praças e as ruas, ambas com tipologias referentes à sua é (ROBBA e MACEDO, 2002).

Desde a chegada do período nomeado modernismo, no início do século XX, nota-se que o espaço público teve uma queda em sua prioridade no planejamento e na manutenção das cidades, bem como as áreas de pedestres. Os espaços comuns da cidade foram transferidos para edifícios individuais, isolados e que se tornaram autossuficientes (GEHL, 2013).

Porem o espaço da cidade não deixou de receber visitantes, por mais descuidados que estes espaços se tornaram. Como escreveu Jan Gehl, no livro Cidade Para Pessoas, esses locais estão com limitações, “obstáculos, ruído, poluição, risco de acididades e condições geralmente vergonhosas são comuns para os habitantes, na maioria das cidades do mundo” (GEHL, 2013, p. 13).

Com a mudança para o século XXI, notou-se uma busca de oportunidades para os pedestres e para a vida urbana. Em um contexto onde a população global é considerada urbana, o planejamento urbano gerou uma vertente para a segurança no trânsito, a fim de transformar as cidades e reforçar sua função social. Sendo que o principal método de reforçar a segurança é “quando mais pessoas se movimentam pela cidade e permanecem nos espaços públicos”, nisto, a melhor estrutura de planejamento é aquela “que permite curtas distâncias a pé, espaços públicos atrativos e uma variedade de funções urbanas” (GEHL, 2013, p. 6).

Dentro deste paronama, alguns elementos transformadores da paisagem urbana são os espaços públicos, sendo em maior porcentagem de área em uma cidade e de maior visibilidade as ruas, onde podem assumir variadas definições, tipologias, usos e contradições que serão abordadas:

Uma rua é uma via no interior de um aglomerado urbano que serve, especificamente ou simultaneamente, para atravessar uma zona desse aglomerado, ter acesso a lugares situados ao longo ou na proximidade imediata desta via e para produzir espaço coletivo utilizável em diversos tipos de atividades. Uma rua assegura, portanto, pelo menos uma de três funções: trânsito, serviço, acolhimento (BORTHAGARAY, 2010, p. 18).

Historicamente a rua sofreu grandes alterações, principalmente por atribuir funções novas em cada época. Assim, percebe-se a importância do uso e, através dele, como é o traçado urbano em uma cidade (BORTHAGARAY, 2010).

O mesmo espaço que une e separa, é a rua. Busca-se, portanto, a mistura e a justaposição dessas funções, construir a partir de um interesse local e do funcionamento de cada parte da cidade.

Outra tipologia citada foi a praça, que é o principal foco para as atividades ao ar livre, a partir do pressuposto onde os melhores ambientes urbanos são aqueles que há “presença, uso e ação, apropriação, modificação e disposição” por qualquer usuário (ALEX, 2008, p. 21)

Praça pode ser definido por aquele ambiente que é destinado ao lazer e convívio da população, acessível a todos e sem circulação de automóveis. Teve início ao redor de capelas ou igrejas, com reuniões dos membros da comunidade. Contudo, a evolução histórica das praças é citada a partir da polis grega, com caráter cívico e na Idade Média como local de manifestações. Já no período colonial,

as praças ajardinadas assumiram características definidas, eram frequentadas pela elite, com atividades de recreação, contemplação e passeio (ROBBA e MACEDO, 2002).

A praça do século XVIII e XIX segue os princípios de lazer do urbanismo moderno, com um novo programa de atividade em grandes áreas, gerada pela setorização e com a finalidade principal de obter permanência nos espaços (ROBBA e MACEDO, 2002). Por tanto, em cada época, o comportamento da sociedade é o principal meio para as modificações dos espaços e das funções do uso público na cidade.

Vale citar outra forma de espaço público com configuração análoga, os parques urbanos, com uma dimensão maior que as praças, seguem tipologias variadas e, assim, se enquadram na classificação dos espaços verdes urbanos.

Os espaços verdes da cidade podem ser gerados em três frentes: sendo um grande espaço na malha urbana, sendo vários espaços espalhados pela cidade e, ainda, sendo espaços espalhados, mas que fazem parte das quadras. Em aspectos urbanísticos, os espaços verdes espalhados pelo tecido urbano são os que geram maiores frequências dos usuários, pois os habitantes precisam percorrer poucas quadras até chegar ao seu destino, além de proporcionar vantagens ambientais para a cidade (MASCARÓ, 2005).

Essas formações têm uma ligação direta com a infraestrutura do tecido urbano, e do ponto de vista econômico, cada tipo de formação tem uma porcentagem de custo. Cada praça da cidade está rodeada por ruas que proporcionam redes de energia, redes telefônicas, abastecimento de água e rede de esgoto sanitário, entre outros, que são utilizadas apenas de um lado da rua, gerando um acréscimo ao valor dessa área (MASCARÓ, 2005).

A melhor tipologia, em questões econômicas e que se adequa as questões urbanísticas, são os espaços verdes que fazem parte das quadras, “que é uma mistura para se aproveitar o baixo custo [...] Aproveita-se, assim, a economia da concentração e a facilidade de usos da desconcentração” (MASCARÓ, 2005, p. 181)

Com os conceitos esclarecidos de espaço público e suas principais tipologias usadas no meio urbano, pode-se então abordar essas áreas nas transformações atuais, tanto no Brasil como na Europa e na Ásia.

Espaço público como transformador das cidades

No século XXI, as cidades encontram uma drástica mudança em relação aos seus espaços públicos. As ruas e praças começaram a ter menores investimento até perderem sua qualidade, os pontos de encontro e de vida urbana foram trocados por ambientes com maior qualidade, em espaços voltados para o consumo como shoppings centers, museus e hipermercados.

Inicialmente, a troca dos ambientes urbanos por uma nova "construção de espaços climatizados, condicionados e direcionados ao entretenimento", deixou para a cidade o "caos urbano, a violência, a sujeira das ruas e seus indigentes" do lado de fora dessas novas construções, que deram "ênfase ao trato dos ambientes internos em detrimento do urbano construído" (DIAS, 2005, p. 1).

No Brasil, contrapondo a realidade dos ambientes internos, a Praça das Artes na cidade de São Paulo é uma referencia projetual de uma edificação que se abre para a cidade (Figura 1). Um edificio construído que em seu projeto visa a melhoria do acesso à cultura da população, proporcionando produção cultural junto de informações e programações artísticas; um projeto de Francisco Fanucci e Marcelo Ferraz com Luciana Dornellas, projetada em 2006 e inaugurada em 2012. (SUMMAMAS, 2015).



Figura 1 - Praça das Artes: exemplo de permeabilidade e equipamento cultural no centro da cidade de São Paulo..

Fonte: SUMMAMAS. Disponível em <www.summamas.com/pt/revista_pdf/135>. Acesso em: 24 set. 2022.

No projeto “Praças das Artes”, abre-se para uma circulação pública, dentro da quadra, ao permitir que seu térreo seja livre. Nota-se seu envolvimento com o entorno, desde o restauro de um edifício histórico e com seus acessos fáceis e visíveis, o que promove maior interação dos usuários e um suporte para produções artísticas (SUMMAMAS, 2015). Demonstrando na Figura 2 a possibilidade de projetos auxiliarem na formação de espaços públicos de qualidade.

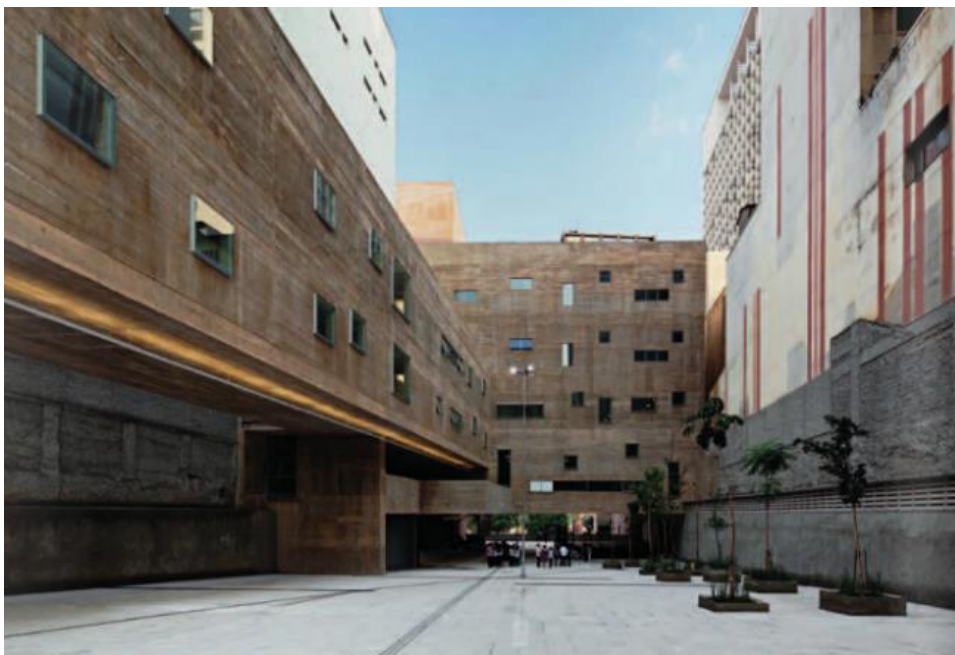


Figura 1 - Praça das Artes: exemplo de espaço público.

Fonte: SUMMAMAS. Disponível em
<www.summamas.com/pt/revista_pdf/135>. Acesso em: 24 set. 2022.

De acordo com Dias (2005, p. 2), esta crise da qualidade nos espaços públicos é maior nos países em que procuram dar “atendimento as necessidades básicas de infraestrutura para suas populações que não param de crescer”, no qual se enquadra o Brasil desde 1950.

Já a Europa, como outro exemplo, volta sua atenção aos espaços públicos para uma população com baixo crescimento que “ansiava por novos lugares para o seu convívio, cultura e entretenimento”. Dessa forma, as cidades europeias recuperam seu lugar na esfera cultural; com grandes obras “o caos urbano foi trocado por generosos e concorridos espaços públicos, voltados aos encontros de pessoas e culturas diversas”, proporcionando um “mix de atividades culturais e de lazer”, usando do espaço público para recuperar suas identidades históricas e ainda se inserir no novo conceito de cidade-espetáculo. No qual “dentro do tradicional tecido urbano” surgiu a “necessidade de criar novos lugares a partir de áreas esquecidas e abandonadas ou desvalorizadas” (DIAS, 2005, p. 2).

Com essas intervenções, temos o exemplo de Paris, que está no panorama cultural mundial com Centro Histórico e Cultural; outro exemplo é a cidade de Bilbao com objetos espetáculos urbanos “ou seja, novos prédios, parques e espaços

públicos criados [...], e que por si só são fortes elementos urbanos" (Figura 2). Neste novo ideal, existe uma crítica às estas cidades, se elas conseguem atender aos "problemas sociais e urbanos" da massa que não é atendida por esse sistema (DIAS, 2005, p. 3).



Figura 2 - Exemplo de um objeto espetáculo: o Museu Guggenheim, em Bilbao, de Frank Gehry.
Fonte: ARCHDAILY. Disponível em <<http://www.archdaily.com/422470/ad-classics-the-guggenheim-museum-bilbao-frank-gehry>>. Acesso em: 14 abr. 2016.

Segundo Dias (2005, p. 3), em cidades do continente asiático há uma junção de uma história milenar com avanços tecnológicos, onde “são exemplos vivos e em constante mutação do poder do capital transformando o espaço urbano”, uma resposta da economia para a população a fim de reparar atrasos enfrentados no século XX, como o crescimento acelerado populacional e deficits de infraestruturas.

Assim, surgem áreas planejadas e pensadas em suas minúcias, "onde parques urbanos se integram com as edificações em busca de uma recente consciência ecológica em contraste com a frieza de toda a tecnologia ao redor". As mutações asiáticas são, então, os arranha-céus e construções sobre o mar, "criando novas áreas para urbanizar e expandir"; e a base para essa arquitetura encontra-se no movimento metabolista, onde a aposta foi a tecnologia, buscando novas e

radicais abordagens de intervenção urbana; e no futurismo do grupo Archigram “e suas cidades andarilhas que podiam estar em qualquer lugar” (DIAS, 2005, p. 5).

A influência econômica e política do Brasil está diretamente relacionada às diferenças encontrada na sociedade, como Dias (2005) nos mostra em setores opostos como a habitação precária e a especulação imobiliária, infraestrutura para quem tem renda e mobilidade precária para quem não tem, nas palavras do autor:

E isto se configura de forma muito clara na constituição espacial de nossas cidades, quando a democracia urbana, ou seja, a existência de espaços públicos é pequena e seu uso é bem tímido, e às vezes elitizada. A exceção fica para as praias, espaços públicos naturais aonde a mistura das “castas” ainda é tolerada. As políticas públicas pouco valorizam a construção e criação de espaços públicos, voltando seus esforços e incentivo à criação de espaços mais rentáveis economicamente, principalmente para o entretenimento semi-público ou privado (DIAS, 2005, p. 06).

Para minimizar o crescimento desordenado e desenfreado, fora criado o Estatuto das Cidades, Planos Diretores e índices urbanos, mecanismos estes para ajudar a regular e destinar espaços dentro da malha urbana. O “planejar” previsto nesses mecanismos acabam por vezes sendo falhos visto que, surgem as arquiteturas repetitivas e extremamente adensadas pouco preocupadas com a qualidade do espaço urbano, e que visam a alta lucratividade dentro do parametro “adensar para ter maior rentabilidade”. Esses instrumentos citados são capazes de garantir a qualidade de vida das nossas cidades, mas atualmente “garantem as novas centralidades, expulsando para áreas menos dotadas e a periferia da cidade (ou para os morros) a população de menor poder aquisitivo” (DIAS, 2005, p. 6).

Evidente que precisamos de projetos urbanísticos voltados para a melhoria e a criação de novos espaços públicos com foco na qualidade de vida. Exemplo disso as cidades de Brasília, Palmas e Curitiba (Figura 3), onde conseguiram uma melhora na "integração de sua população aos espaços da cidade", mesmo sendo intervenções incompletas (DIAS, 2005, p. 7)



Figura 3 - Exemplo de Curitiba-PR: Calçadas em maior dimensão, junto de um sistema de transporte em massa com corredores e pontos de espera apropriados.

Fonte: ARCHDAILY. Disponível em <http://www.archdaily.com.br/br/785203/curitiba-e-incluida-na-lista-de-cidades-mais-limpas-do-mundo>>. Acesso em: 14 abr. 2016.

O conhecido padrão de cidade moderna necessita ser superado em prol de humanidade, pois as cidades já não encontram barreiras para o crescimento o que não denota ser desenvolvida, mas sim crescente e com os mesmos conteúdos insuficientes. O ideal de espaço público é estudado e tem diferentes visões no panorama mundial, é preciso entender o seu ideal que deve ser atrativo as pessoas e não se contentar com locais de passagem, principalmente em países como o Brasil, onde “o espaço público se torna vital como um respiro, um lugar de descompressão e precisa ser (re)valorizado como tal”, como um lugar de valor nas cidades (DIAS, 2005, p. 8).

Considerações Finais

Nisto podemos compreender a importância das transformações em todo o mundo na questão dos espaços públicos. A partir de diferentes tipologias e culturas observadas, pode-se compreender a necessidade da abertura desses locais no

tecido urbano atual, onde funcionam como respiro para os usuários e podem impulsionar a economia local por melhorar sua qualidade urbana, mas sem deixar de dar atenção para questões sociais afim de não produzir nenhuma forma de segregação.

Referências

ALEX, S. **Projeto da Praça: convívio e exclusão do espaço público**. São Paulo: Senac, 2008.

BORTHAGARAY, A. **Conquistar a rua**. Tradução de Renata Ferraz. [S.l.]: [s.n.], 2010. 160 p.

CONCEITO.DE. Conceito de Urbano. **CONCEITO.de**, 2012. Disponível em: <<https://conceito.de/urbano>>. Acesso em: 05 Dezembro 2020.

CONCEITO.DE. Conceito de Centro Cultural. **CONCEITO.de**, 2013. Disponível em: <<https://conceito.de/centro-cultural>>. Acesso em: 07 Novembro 2020.

CONCEITO.DE. Conceito de Espaço Público. **CONCEITO.de**, 2013. Disponível em: <<https://conceito.de/espaco-publico>>. Acesso em: 05 Março 2020.

DIAS, F. O desafio do espaço público nas cidades do século XXI. **vitruvius**, São Paulo, 06 Junho 2005. Disponível em: <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/06.061/453>>. Acesso em: 21 Setembro 2021.

GEHL, J. **Cidades Para Pessoas**. 1ª. ed. [S.l.]: Perspectiva S.A, 2013. 280 p.

MASCARÓ, J. L. **Infra Estrutura Urbana**. 1ª. ed. Porto Alegre: Masquatro, 2005.

ROBBA, F.; MACEDO,. **Praças Brasileiras**. 2ª. ed. São Paulo: Edusp, 2002. 310 p.

SUMMAMAS. **Ocupando espaços para deixa-los livres**. Disponível em: <www.summamas.com/pt/revista_pdf/135>. Acesso em: 24 set. 2022.